REVISTA DIGITAL ACADÊMICO MUNDO

ENSAIO FILOSÓFICO TEÓRICO SOBRE O HUMANO CONECTADO

A THEORETICAL PHILOSOPHICAL ESSAY ON THE CONNECTED HUMAN

UN ENSAYO TEÓRICO Y FILOSÓFICO SOBRE EL SER HUMANO CONECTADO

10.56238/ramv20n16-012

Sérgio Máscoli
Mestre em Psicologia
Instituição: Universidade São Marcos
E-mail: sergiomascoli@gmail.com

RESUMO
O cenário deste ensaio filosófico-teórico são as inquietações atuais sobre os avanços tecnológicos e as rápidas inovações no campo da informática, presentes na vida cotidiana de quase todos ao redor do mundo. Hoje não é possível imaginar uma rotina, seja pessoal ou profissional, sem o fenômeno da conectividade. Imagine um mundo sem internet! Impossível. Pretende-se aqui dialogar com algumas teorias disponíveis sobre o tema e provocar reflexões sobre a humanidade conectada. Com esse objetivo, a arquitetura deste ensaio apresenta três subtemas. O primeiro é o "Narciso Virtual", aquele sujeito que está conectado com as telas de seus aparelhos de conexão remota para se relacionar com seus grupos, fazer reuniões de trabalho, estudar, se divertir, namorar, bisbilhotar, entre outras conexões. Afinal, a internet é o novo paradigma de comunicação no qual estamos imersos. O segundo é o "Pós-humano", aquele que é resultado de uma nova evolução não darwiniana, realizada em laboratórios e não na natureza com a contribuição da Engenharia Genética, a Engenharia Biomédica que conta com a contribuição da Mecânica, da Elétrica, da Tecnologia da Informação e, sem dúvida, da Biologia. E o terceiro, o "Aconselhamento Filosófico: da Grécia Antiga até os nossos dias", que é mais uma ferramenta disponível para tratar de pessoas cujas questões existenciais não necessitam de tratamento psicoterapêutico. O Aconselhamento Filosófico se aproxima mais do aspecto de Orientação Filosófica, cujo fio condutor são as premissas dos filósofos e não dos manuais de diagnósticos psicológicos e comportamentais e nem dos códigos de doenças. O foco principal do Aconselhamento Filosófico não está na doença ou nos transtornos mentais, mas na experiência e na existência do indivíduo que busca examinar-se. Através de uma pesquisa cautelosa, realizada com pensadores que dispuseram suas reflexões e suas filosofias sobre o tema do mundo globalizado e conectado, a proposta é estabelecer diálogos que possam nortear, brevemente, a condição do atual ser-aí, o ser-no-mundo, o *dasein*.

Palavras-chave: Antropologia Filosófica. Filosofia Terapêutica. Pós-Humano.

ABSTRACT
The setting for this philosophical-theoretical essay is the current concern about technological advancements and rapid innovations in the field of computing, present in the daily lives of almost everyone around the world. Today, it is impossible to imagine a routine, whether personal or professional, without the phenomenon of connectivity. Imagine a world without the internet! Impossible. The intention here is to engage with some available theories on the subject and provoke reflections on connected humanity. To this end, the structure of this essay presents three sub-themes.

The first is the "Virtual Narcissus," that individual who is connected to the screens of their remote connection devices to interact with their groups, hold work meetings, study, have fun, date, snoop, among other connections. After all, the internet is the new communication paradigm in which we are immersed. The second is the "Post-human," the result of a new non-Darwinian evolution, carried out in laboratories and not in nature, with the contribution of Genetic Engineering, Biomedical Engineering (which includes contributions from Mechanics, Electrical Engineering, Information Technology, and, undoubtedly, Biology). And the third, "Philosophical Counseling: from Ancient Greece to the present day," is another tool available to address people whose existential issues do not require psychotherapeutic treatment. Philosophical Counseling is closer to Philosophical Guidance, whose guiding thread is the premises of philosophers and not the manuals of psychological and behavioral diagnoses or disease codes. The main focus of Philosophical Counseling is not on illness or mental disorders, but on the experience and existence of the individual seeking self-examination. Through careful research conducted with thinkers who have offered their reflections and philosophies on the theme of the globalized and connected world, the aim is to establish dialogues that can briefly guide the condition of the current being-there, being-in-the-world, Dasein.

Keywords: Philosophical Anthropology. Therapeutic Philosophy. Post-Human.

RESUMEN

El contexto de este ensayo filosófico-teórico es la preocupación actual por los avances tecnológicos y las rápidas innovaciones en el campo de la informática, presentes en la vida cotidiana de casi todas las personas en el mundo. Hoy en día, es imposible imaginar una rutina, ya sea personal o profesional, sin el fenómeno de la conectividad. ¡Imaginen un mundo sin internet! Imposible. La intención aquí es abordar algunas teorías disponibles sobre el tema y provocar reflexiones sobre la humanidad conectada. Para ello, la estructura de este ensayo presenta tres subtemas. El primero es el "Narciso Virtual", ese individuo conectado a las pantallas de sus dispositivos de conexión remota para interactuar con sus grupos, celebrar reuniones de trabajo, estudiar, divertirse, tener citas, fisgonear, entre otras conexiones. Después de todo, internet es el nuevo paradigma de comunicación en el que estamos inmersos. La segunda es la «Posthumana», resultado de una nueva evolución no darwiniana, llevada a cabo en laboratorios y no en la naturaleza, con la contribución de la ingeniería genética, la ingeniería biomédica (que incluye aportaciones de la mecánica, la ingeniería eléctrica, la informática y, sin duda, la biología). Y la tercera, «Orientación filosófica: de la antigua Grecia a la actualidad», es otra herramienta disponible para abordar a personas cuyas cuestiones existenciales no requieren tratamiento psicoterapéutico. La orientación filosófica se asemeja más a la guía filosófica, cuyo hilo conductor son las premisas de los filósofos y no los manuales de diagnósticos psicológicos y conductuales ni los códigos de enfermedades. El enfoque principal de la orientación filosófica no está en la enfermedad o los trastornos mentales, sino en la experiencia y la existencia del individuo que busca la autoexploración. Mediante una investigación minuciosa realizada con pensadores que han ofrecido sus reflexiones y filosofías sobre el tema del mundo globalizado e interconectado, se busca establecer diálogos que puedan orientar brevemente la condición actual del ser-ahí, el ser-en-el-mundo, el Dasein.

Palabras clave: Antropología Filosófica. Filosofía Terapéutica. Posthumanismo.

1 NARCISO VIRTUAL

O Séc. XX, na era da racionalidade, foi marcado por duas guerras mundiais, a explosão de duas bombas atômicas e uma Guerra Fria que colocava o mundo sob o medo de um cataclisma atômico. A partir da década de 1950, com o aparecimento do computador desenvolvido pelo matemático Alan Turing (1912 – 1954), uma ferramenta nova entrou em cena.

O mundo militar do eixo União Soviética e Estados Unidos precisava garantir o sigilo e a não espionagem das estratégias militares durante a Guerra Fria. Os físicos, matemáticos, engenheiros e técnicos se debruçaram para desenvolver equipamentos que garantissem o sigilo destas estratégias, e o computador passou a ser utilizado para esta finalidade. Conectar dois computadores era um desafio a ser enfrentado. Até que no final da década de 1960, nos EUA, ocorreu a primeira conexão entre dois computadores em duas localidades distantes, inicialmente de modo muito rudimentar, mas surgira ali um novo paradigma de comunicação, a internet.

Já no final da década de 1970, os Estados Unidos da América liberaram este novo meio de comunicação para uso público da sociedade civil. No início, universidades e indústrias assimilaram o novo modelo. Era o início de uma revolução nas comunicações. À medida que o custo desta nova "mídia" foi barateando, o acesso público aumentava. Os dispositivos moveis também eram a demonstração evidente das transformações de comunicação.

A cada nova geração os dispositivos móveis traziam vantagens rápidas aos usuários, até que surgiu a 4ª geração de dispositivos, chamados smartphones, que, como os computadores pessoais, ganharam acesso à rede mundial. Desde então o mundo está ligado em uma grande rede. A última geração de dispositivos móveis, a 5G, e os smartphones promovem a considerada IoT, sigla em inglês para "internet das coisas". Desta forma tudo estará conectado online.

Durante a pandemia, na terceira década do Séc. XXI, o mundo foi colocado em isolamento social. Os computadores pessoais e dos dispositivos móveis foram ferramentas fundamentais para se suportar o isolamento e o distanciamento social. Escolas, organizações, instituições e a sociedade em geral se beneficiaram das conexões virtuais online. A tecnologia ajudou a suportar a fase difícil e deixou o mundo, de fato, mais conectado.

Em comparação ao Séc. XX, que depois das "guerras" desenvolveu novas tecnologias que revolucionaram a forma dos humanos se relacionarem no mundo, assim também o Séc. XXI trouxe e trará novas revoluções tecnológicas que também alterarão a relação dos humanos em novos cenários, como é o caso da introdução de uma nova ferramenta, a Inteligência Artificial (IA) em 2024.

E a Filosofia, que de forma sistemática busca o conhecimento que vem dos campos Científico, Físico e Social não se negará a contribuir, problematizando e discutindo essas questões para desenvolver um pensamento filosófico contemporâneo ao Séc. XXI.

1.1 O MITO DE NARCISO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

O deus-rio Céfiso sequestrou e possuiu a ninfa Liríope. Ao constatar que estava grávida, Liríope permaneceu com sentimentos difusos, mas deu à luz Narciso, uma criança de rara beleza que encantava a todos, o que a deixou cautelosa porque temia os deuses do Olimpo por serem intolerantes com os mortais que se destacavam dos demais. Com isso, a ninfa foi consultar o adivinho Tirésias, que vaticinou que o menino teria vida longa, desde que nunca se visse refletido.

Adolescente, Narciso percebia que chamava a atenção das pessoas e que isso se devia à sua beleza incomum. Jovem adulto, as ninfas, as moças e os rapazes disputavam seu amor. Diante de todas as negativas de Narciso, um de seus pretendentes alegou que ele não vivia sob as leis dos mortais. Ergueu suas mãos aos céus e pediu aos deuses do Olimpo que Narciso se apaixonasse por alguém, mas que nunca fosse correspondido. Nêmesis, que pune os excessos dos mortais, atendeu à solicitação do coração partido do rapaz.

Durante uma caçada, Narciso se perdeu do grupo e se viu só. Era observado entre as folhagens pela ninfa Eco, que havia sido amaldiçoada por Hera e a distraído para acobertar Zeus enquanto ele amava as mortais. Pela maldição de Hera, Eco, que falava muito, só poderia falar as últimas palavras que ouvia, sem jamais poder responder ou conversar com alguém.

Ao observar Narciso na floresta, Eco ficou encantada com sua grande beleza e pensou que ele fosse um deus. Só que Eco pensava em voz alta e Narciso ouviu a sua voz que vinha de dentro da mata e quis saber quem estava lá. Eco se apresentou a Narciso, que a repreendeu veemente por tê-lo abordado Entristecida, Eco ficou paralisada, enquanto Narciso se afastava dela. Mas, impulsionada pela beleza de Narciso, Eco continuou a segui-lo escondida entre as folhagens.

Narciso, então, chegou a uma clareira onde havia um grande espelho d'água alimentado por um estreito curso de água. Ao reclinar-se sobre o lago para beber água, Narciso viu a sua imagem refletida.

A profecia de Tirésias e a maldição de Nêmesis começava a se cumprir. Narciso ficou embriagado pela grande beleza do jovem sem saber que era a sua imagem refletida. A imagem no espelho d'agua o seduzia, e Narciso, ao ouvir Eco, (também parece contradizer com a maldição) se iludiu de que também era correspondido pela imagem refletida no espelho d'água, confundindo o eco como se fosse a voz da imagem que falava com ele.

Por vários dias, Narciso permaneceu debruçado sobre o espelho de água, falando com seu amor e ouvindo suas juras amorosas, que nada mais eram do que suas próprias palavras, distorcidas pelo eco da Eco e confuso não se alimentava e nem se hidratava.

Eco era a única testemunha de como Narciso definhava...

Ao reconhecer a verdade e ver que a imagem também definhava, Narciso conclui: “Você sou eu!”. Decepcionado, pensa: “que estranha solidão a minha... Tenho e não tenho a mim... qual de nós dois é apenas miragem? Adeus...”, despediu-se da vida, caído ao lado do espelho d’água...

O corpo de Narciso desapareceu. No lugar em que estava nasceu uma flor de caule único, o narciso. No Hades, Narciso continuou a ver-se refletido no rio Estige, o rio do esquecimento. (Adaptado de GUASCO, 2011).

1.2 ELEMENTOS REFLEXIVOS RETIRADOS DO MITO

Teles (1974) afirma que o mito é um contexto explicativo para esclarecer um fato até então desconhecido, e Abbagnano (2018) acrescenta que um mito, por ser uma narrativa, tem a função de explicar algum fenômeno de senso comum.

A partir do mito de Narciso, se pode tirar elementos para algumas reflexões filosóficas contextualizadas.

O vaticínio de Tirésias sobre o destino de Narciso pode ser relacionado com o cenário atual e representar o mercado e o capitalismo voraz ao qual estamos todos nós que vivemos nele, algo como um destino. Um destino criado pelo Marketing, o Marketing Digital, cuja função é estabelecer novas necessidades dos usuários que navegam nas redes digitais. Os *influencers* têm um papel relevante neste destino.

Por rejeitar insistentemente o apelo afetivo que lhe dirigiam, Narciso tornava-se excludente de relações afetivas interpessoais, condição que lhe impunha a solidão. Solidão esta que, quando perdido do seu “grupo de caçadores”, se torna existencial, algo próximo à cultura do cancelamento. O “grupo de caçadores” pode também representar os grupos de pertencimento, de afinidades, de ajuda, de interação dos pares que se criam na vida conectada.

A ninfa Eco ao observá-lo e pensar que é um deus/consumista, comporta-se como a “câmara de eco”, ou seja, age como os algoritmos que capturam os dados do navegante na rede e lhe oferece o que este “precisaria”, colocando-o dentro de uma “bolha”.

Ao ver o espelho d’água, Narciso vai lá matar sua sede, mas este espelho é alimentado por um estreito curso d’água que pode representar os produtos ofertados pelas organizações controladoras do meio digital. Esse espelho d’água também pode representar o sequestro da sua imago através das telas de smartphones, tablets, computador, smart tv. Como o espelho d’água capturou a imagem e as crenças de Narciso, ele ficou como embriagado por si, o que geralmente ocorre com nossas telas mediáticas.

Eco, fascinada por Narciso, o confunde com a repetição de suas últimas palavras, assim por comparação, o eco se torna algo semelhante a pensamentos ruminantes e obsessivos.

Somente quando Narciso está exaurido de suas forças vitais e próximo de sua morte por inanição é que reconhece que a imago virtual pela qual se apaixonara era ele mesmo. Surge então sua

questão filosófica: qual de nós é apenas miragem? No lugar onde morreu, após seu corpo desaparecer, surge uma flor de caule único, o narciso, que tem o mesmo radical da palavra narcótico.

Narciso Perturbado tem a alteração de consciência. Etimologicamente a palavra Narciso tem sua origem no grego, cujo radical é *narké*, que significa entorpecimento ou torpor, e do sufixo grego *issos* formador de nomes, como de plantas e de doenças. Por tradução livre, 'doente por entorpecimento', 'entorpecido pelo autoamor', 'comportamento entorpecido em si mesmo', submetido aos murmúrios da Eco, aqui representado por pensamentos intrusivos.

No Hades, Narciso segue se observando no Estige, o rio do esquecimento. Quando um sujeito se esvazia de si no mundo virtual, como Narciso diante do espelho d'água, não é mais útil ao sistema, então, o sistema o no rio do esquecimento por não "consumir mais".

O mundo virtual deseja vorazmente encontrar nossos narcisos, capturá-los, consumi-los e abandoná-los no esquecimento. Neste processo o sistema se retroalimenta, o que pode ser considerado como narcisismo virtual ou a busca do narciso virtual.

Um novo pensamento filosófico surge naturalmente a partir de mudanças que ocorrem nos campos social, científico e cultural na era da conexão. Assim, as mudanças atuais afetam os rumos do pensamento filosófico contemporâneo, afirma Teles (1974). Este autor acrescenta que apesar da missão da Filosofia ser diferente da missão da Ciência, ambas produzem o Conhecimento. Assim, o conhecimento pode ocorrer de forma sistemática, organizado racionalmente e elucidativo, crítico e especulativo. Se ocorrer de forma assistemática, vulgar e popular, acrítica, imprecisa e autocontraditória, será "senso comum" ou uma compreensão não rigorosa, como diz Rosa (2021).

Através do olhar da Filosofia da Mente, que é a caçula das áreas de estudo e conhecimentos incorporada à tradição filosófica, cuja questão fundamental é o problema mente-corpo, fundamentado pelo filósofo francês Rene Descartes (1596-1650) com *res-cogitans* e *res-extensa*, grosso modo a Filosofia da Mente trata da dinâmica dos corpos-mentes presentes na natureza, afirma Moraca (2013).

Para Abbagnano (2018), a Filosofia da Mente é uma reflexão da natureza e das propriedades básicas da mente humana e da análise das capacidades cognitivas do sujeito pensante, onde mente, alma e espírito são sinônimos de intelectualidade, cuja variação semântica se dá de acordo com o quadro teórico global na qual se está inserida.

Desta forma, afirma Teles (1974), é que se pode utilizar a Axiologia, a teoria crítica dos valores, uma vez que o valor corresponde a uma necessidade ou falta que provocam desequilíbrio, que geram tensões que determinam o valor de um objeto, obtendo prazer. Equivalente a uma homeostase biopsíquica, diria.

Para Teles (1974) essas necessidades são somáticas, sociais, lógicas, estéticas, éticas ou religiosas – estas geralmente de caráter absoluto. Contudo, valores estão sempre dispostos entre dois

polos, o positivo e o negativo. Diz também que cada sujeito tem sua própria hierarquia de valores. São conceitos relevantes para se compreender o fenômeno do narciso virtual.

Quando analisa o conceito "virtual", Abbagnano (2018) nos oferece a definição que virtual é tido como algo potencial. Já o conceito "realidade virtual", continua Abbagnano, surgiu na década de 1980 no campo da Tecnologia da Informação (TI) para se referir a uma realidade possível e operante, construída artificialmente, que produz efeitos reais na experiência humana e na realidade perceptiva induzida por aparelhos.

Esta realidade artificial é chamada de virtual, pois diz respeito a imagens e não a objetos táteis, e esta "substituição" provoca sensações internas com o mínimo de contato físico, geralmente só o visual e o auditivo, portanto, uma questão da Estética.

Torres (2012) esclarece que a utilização massiva da internet é uma forma de enfrentamento do isolamento social e que promove um estímulo à tele participação mundial, mas que em alguns casos geraram estados alterados de consciência, fato observado durante a pandemia da Covid-19.

O uso desenfreado da internet já é considerado um problema de saúde pública, declaram Loss; Guerra; Souza (2021). Afirmam também que o uso desenfreado promove uma autoconsciência ruminativa, os ecos, cuja auto atenção conduz o usuário a uma avaliação axiológica negativa de si mesmo e assim surtem transtornos mentais.

Com introdução da cultura do cancelamento na internet em 2015, se estabeleceu uma nova relação de poder na sociedade, afirmam Barbosa & Specimille (2021). Afirmam também que desde então surgiu um debate sobre os impactos das mídias e redes sociais na saúde mental dos usuários. Barbosa & Specimille (2021), advertem que a pressão da exposição causa no usuário uma incansável necessidade de se encaixar em padrões impostos por um núcleo midiático, onde busca se autoafirmar e ser aceito por terceiros.

E quando "cancelado" pode proporcionar isolamento, despertencimento, solidão, desesperança e fuga psicológica. Nunes (2019), argumenta que o uso sem autocontenção da internet pode acionar gatilhos patológicos, com o surgimento de conflitos que acabam reverberando em mais uso desenfreado da internet e, afirma, que a meditação mindfulness pode beneficiar esse usuário dos danos causados por tal comportamento.

Geralmente o estado alterado de consciência pode ser relacionado com Transtornos não orgânicos do sono (F.51), Transtornos da alimentação (F.50), Transtornos da personalidade (F.60), Episódios Depressivos (F.32), e Transtornos Neuróticos, Transtornos relacionados com o "Stress", Transtornos Somatoformes (F40-F.48), Transtorno de Personalidade Narcisista (F.60.8), como consta na classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde, o CID – 10 (2000).

Laplanche & Pontalis (1998) explicam que o narcisismo ocorre em dois momentos, o 'narcisismo primário', quando o bebê investe toda sua libido em sí mesmo e o 'narcisismo secundário', quando sua libido é investida num outro e deste, volta ao seu ego, promovendo interrelações socioafetivas.

Atualmente, os bebês e crianças ainda pequenas já tem acesso às telas digitais, muitas vezes autorizadas pelos pais ou responsáveis.

Por outro lado, Lapa & Lacerda & Coelho (2016) demonstram que através das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e o ciberativismo ganharam relevância na formação subjetiva dos sujeitos, que encontraram outros sentidos humanos e sociais, por isso, se tornaram autores, produtores e cidadãos do universo digital. Afirmam também que características como pluralidade, agir comunicativo, diálogo tradutor, confiança, colaboração, autonomia, postura de aprendiz permanente, apropriação criativa e crítica que demonstraram a emancipação destes sujeitos usuários no mundo virtual.

Da década de 1950 retomamos Meerloo (1961/2009) que diz que "aquele que dita e formula as palavras e frases que usamos, aquele que é mestre da imprensa e do rádio é o "mestre da mente", contextualizando esta afirmação, se tem hoje a internet e as Big Techs, e Organizações que as controlam os acesso digitais como a Apple, o Google, Amazon, Meta Microsoft e são os atuais mestres da mente.

Meerloo (1961/2009) lançou o conceito *mentecídio*, que se refere a um sistema organizado no qual um tirano transfere seus próprios pensamentos, ideologias, palavras e verdades para a mente e bocas das vítimas que pretende raptar, o que conduz ao *logocídio*, que é a perda da capacidade de raciocinar livremente, caracterizando um "estrupo da mente".

Pose-se também questionar, desta forma, o papel dos influenciadores digitais.

Desde 2014 a adesão às redes sociais chegou a um bilhão de usuários, então, estas redes passaram a gerar efeitos reais na sociedade, afirmam Ferreira & Rios (2017).

Acrescentam que os donos das empresas de redes sociais, dos buscadores, dos navegadores e dos sites encontraram uma mina do tesouro, os dados dos usuários. Ferreira & Rios (2017) declaram que os filtros na internet são ferramentas que direcionam estes usuários e que estes ficam sem a liberdade de escolha e, geralmente, não percebem esta condição.

A isto os autores nomeiam de "filtro bolha", que encapsula o usuário, por apresentar a este aquilo que gosta, que nem sempre corresponde àquilo que precise e isto lhe priva da oportunidade de testar novas ideias, produtos e informações.

Daí, afirmam Ferreira & Rios (2017), o efeito filtro bolha conduz o usuário à "câmara de eco", que é a repetição constante de algo que o sujeito usuário já acreditava, através das buscas, trocas de

"opiniões", dos "likes" e que através de vias diferentes e de novas navegações surge o mesmo conteúdo.

Isto ocorre porque algoritmos registram os dados capturados na internet, nas redes sociais e nos buscadores que mantem o internauta dentro de bolhas e esta por repetir com insistência, produz o eco de informações necessário para gerar comportamentos, opiniões, sentimentos, entre outros, como já descrito anteriormente.

Por isso, a filósofa Véliz (2021) declara que a privacidade será o bem mais apreciado no futuro, que se deve usar a Ética sobre a Inteligência Artificial (IA), pois ela armazena a alma dos usuários não no céu da religião, mas nas nuvens.

Desta forma, Moraes & Testa (2020) declaram que se insira uma Ética Informacional para discutir a relação entre o ser-humano e as tecnologias digitais do sujeito-conectado-em-rede. O termo etimológico de sujeito vem do latim *sub,* o que está embaixo e *iacere,* colocado, portanto aquele que está submetido a alguma força.

A Filosofia da Mente, que investiga as relações mente-corpo, tem vasto material para propor debates que possam ampliar a racionalidade sobre "Narciso Virtual Conectado", pois ela é a dimensão entre o que se vê e o que se sente.

Em 2020, devido à quarentena e o isolamento social para contingência do Coronavirus, alguns comportamentos se popularizaram, o home-office, o casa-escritório, o entretenimento e os relacionamentos interpessoais midiáticos.

As ferramentas para tal atividade laboral e social foram os smartphones, os tablets, os computadores pessoais. No uso destas ferramentas a *imago* das pessoas apareciam juntamente com a *imago* de todos os que estivessem reunidos neste encontro.

Alguns demonstraram desconforto ao se ver todo o tempo, muitas vezes a atenção do participante ficava vinculada à sua própria imagem. Um tipo de preocupação apareceu quanto à sua aparência física, o ambiente-cenário e sobre os ruídos inerentes ao ambiente doméstico que sobressaiam o tempo todo.

Inclusive surgiram ferramentas dentro de dispositivos para alterar o cenário por trás de si. Mas para alguns outros, esta condição não era problema, as pessoas se apresentavam online de forma despojada, em ambientes típicos de uma casa na rotina do dia a dia, deitados na cama, debruçados sobre a mesa da sala ou cozinha, com pessoas entrando e saindo, se balançando em redes, com animais domésticos entrando em cena.

Enfim, uma novidade incondicional para ambos os cenários, não havia mais a distinção clara do privado e do coletivo, do público e do privado, até a noção de horário e da instituição da rotina que ele promove ficou confusa.

A tradicional distinção entre vida privada e vida pública não é mais significativa.

Criaram aplicativos que alteram os rostos das pessoas, pondo sobre sua *imago*, aparência de bichinhos, estrelinhas, símbolos dos mais variados, a distorção da face e da voz. Rir de si mesmo, rir do outro, mudar o cenário, enfim, seria uma proposta de brincadeira para poder lidar com sua imagem e suportá-la ou só por diversão mesmo, como ocorre com os jogos online.

Ainda em 2020, com o assassinato de George Floyd, televisionado para todo o mundo, criou-se um debate mundial sobre o racismo e em um destes debates questionou sobre o *Narciso Negro*, ou seja, como é a constituição de sujeito e da autoestima de um indivíduo da etnia negra diante de tanta adversidade. Por extensão, se pode pensar em 'narciso branco', 'narciso amarelo', 'narciso trans', entre outras formas de 'narcisos' e a constituição de suas autoestimas.

Estes fatos relacionados, criaram um *thauma,* um espanto, uma curiosidade para se pesquisar a questão do narciso, como dito, a constituição de um sujeito e sua autoestima associada com virtual, algo potencialmente possível de se realizar, criando o conceito 'narciso virtual' conectado à internet.

Tema, este, que movimentou uma análise filosófica sobre a autoimagem ou a mente do internauta e as relações possíveis com seu o corpo-mente na navegação.

A Filosofia da Mente tem os instrumentos para realizar esta análise e discussão, ela tem como objeto de estudo justamente a relação mente-corpo, permitindo desta forma obter os dados necessários para compreender melhor o fenômeno em um mundo interconectado como o de hoje.

Tendo como referência básica o Mito de Narciso, escrito por Ovídio (43 aC – 17 dC.) no período helênico da Filosofia, que além de falar do auto-amor, proporcionou o neologismo técnico contemporâneo, narcisismo.

Uma questão humana clássica que contextualizada para nossos dias, encontra aplicações coerentes. Portanto, ao se nomear de 'narcisismo', pretende-se discutir questões como o 'narcisismo corporal', 'narcisismo moral', 'narcisismo intelectual'. Isto demonstra que nós humanos ainda temos as mesmas questões de todas as eras que nos sucederam, salvaguardando as questões próprias e inerentes à sua própria era.

O fenômeno do humano conectado é uma das principais questões atualmente, incluindo os 'excluídos digitais' que ainda não têm acesso à internet. Este fenômeno, por ser ainda recente e por ter uma velocidade de atualizações e inovações muito rápidas, que por vezes não há tempo hábil de estudá-las com profundidade, que por sí só já é um problema, de tão rápida que não se pode estudá-las com a profundidade necessária, mas já se pode observar seus efeitos na sociedade, na educação, na política, na geopolítica, na economia, na saúde mental e física, entre outras.

A Epistemologia ainda nos trará os resultados qualitativos e quantitativos sobre este humano enredado em rede virtualmente. A Teoria do Conhecimento, em movimento constante, nos dará dados sobre como o internauta adquiri conhecimento a partir dos seus princípios de valores, de crença, de verdade e de justificativa.

Numa observação da natureza de tal condição humana se pode determinar pontos positivos, negativos e cegos. Observe-se que há muito trabalho para os filósofos.

Algumas práticas profissionais, como ensinar, clinicar, filosofar, governar, assim como algumas práticas sociais, como a formação de grupos identitários, ideológicos, religiosos, de relacionamentos interpessoais, eróticos, pornográficos e sexuais ganharam ou assumiram novos espaços para existirem no mundo virtual.

Desta forma, a diversidade dos guetos de ontem, ganhou diversidade pública de hoje para se manifestar, de existir, de aparecer e que através de uma espécie de rizoma se encontraram conectados às redes virtuais e formaram os grupos de afinidade que se auxiliam mutuamente. As câmeras e microfones dos dispositivos móveis pessoais compõe a nova Ágora num mundo virtual e globalmente conectado.

Em tão curto prazo não se pode ainda demonstrar como os humanos irão absorver este novo paradigma e nem como se darão as relações humanas, tais como mente-corpo, pessoais, interpessoais, sociais, laborais, políticas, ideológicas, religiosas, entre outras com o incremento da Inteligência Artificial (IA).

Por outro lado, algumas observações preliminares desta natureza apontam para o risco do autoengano que envolvem desde a própria aparência, por não se reconhecer, pelo auto-amor, autoerotismo. Através do sequestro da mente, promovido pelos ‘mestres da mente’, as Organizações que detém os “domínios” da internet, comandados pela Tecnologia da Informação (TI), induz ao menticidio e daí ao logocidio, é um risco provável. Geralmente estas Organizações não têm nenhuma forma de regulamentação ética, civil ou governamental.

Considera-se também a permanência do internauta conectado numa ‘bolha’ promovido por filtros da IA que o conduz à ‘câmara de eco’. Uma fuga possível da bolha e da câmara de eco é conhecer a verdade e obter liberdade sob esta condição. E esta verdade vem da Filosofia que faz o humano conectado, filosofar por conta própria.

Para tal, a Alegoria da Caverna de Platão, pode nos dar uma ilustração relevante, os homens ficavam olhando para o fundo da caverna, viam somente os reflexos do que lhes era apresentado, acreditavam que esta era a verdade, estavam iludidos.

Assim será uma mente livre, será aquela que reconhece sua liberdade e que utiliza seu livre-arbítrio para tomar decisões livres e deixar o cativeiro onde estava sequestrada.

Em alguns filmes de ficção cientifica o ‘mundo futuro’, sob a regência da conexão das coisas, dos robôs, da automação será caótico, sombrio, mundo ‘matrix’, porém a finalidade destes filmes é promover lazer e momentos de entretenimento e espaços para devaneios, de promoção de sensações, porém, fazem mais que isso, provocam reflexões.

A que se considerar que as series e as ‘plataformas de streaming’, os "fluxo de dados” e os jogos virtuais, pois promovem um excesso de entretenimento, secretando no corpo uma “explosão de dopamina” que provoca a sensação de prazer e aumenta a motivação, vê-se aqui a relação corpo-mente. Portanto, nada sombrio como nas ficções científicas, porém o sinal de alerta já se acendeu de alguma forma.

Na vida, dita real, já se tem fatos e evidencias relacionados ao humano conectado que devem ser pesquisados e investigados, questionados, debatidos, regulados pela racionalidade, como é da tradição filosófica há milênios. Há que se considerar que uma das tarefas da Filosofia é ‘futurar’, ou seja, observar o aqui-agora para se presumir ou inferir rotas a serem criadas para se chegar a um *telós* que traga felicidade.

No Mito de Narciso, o jovem e belo rapaz morreu de inanição por autoamor tóxico ao se ver no espelho d’água, confundido por Eco. A questão que se põe atualmente sobre o ‘narciso virtual’ é, por analogia, de mesma monta, o humano poderá ser confundido pelo eco da conexão online e vir a sofrer de autoamor tóxico?

A dimensão entre o que se vê no mundo virtual e o que se sente experimentando-o no mundo físico é atribuição da Filosofia da Mente.

2 O PÓS-HUMANO

Na Contemporaneidade de um mundo globalizado e conectado, na qual a Tecnologia da Informação e a Automação se desenvolveram de forma muito rápida e diante de um cenário no qual a Inteligência Artificial, bem como os implantes de órgãos ou membros produzidos artificialmente, a realidade dos robôs e diante da Tecnologia da Automação que já está habilitada para fazer mudanças no DNA, a Engenharia Genética, nos coloca diante de uma nova antropologia filosófica: o pós-humano.

Como herdamos de forma inata os instintos e as pulsões e diante desta “evolução” pós-humana, uma questão se estabelece sobre como se dará a relação de partes implantadas no indivíduo e qual será a relação pulsional de um indivíduo com os robôs, qual será a relação entre os próprios robôs, qual identidade de um pós-humano, qual a interferência da Inteligência Artificial nesta “nova” evolução não-darwiniana. Esta é uma condição real e que deve ser focada pelas luzes possíveis do Conhecimento para entendê-la melhor.

Hawking (2018) faz um questionamento: *“A Inteligência Artificial vai nos superar?”*. À esta questão, o autor responde que a inteligência é um aspecto central do humano, dela surge tudo que a sociedade tem a oferecer. Diz que a inteligência provém do DNA e que este se incube em transmiti-la de geração a geração. As operações sensoriais do indivíduo se armazenam no cérebro ou em outros sistemas para elaborar e executar funções. Hawking (2018) também afirma que são nestes “outros

sistemas de armazenamento" que ficaram mais inteligentes e que no humano evoluído produziu consciência.

Neste sentido, o autor admite que computadores podem tentar igualar-se ou até mesmo superar a inteligência humana ou melhorá-la, mas jamais terá uma consciência, pois esta é um privilégio exclusivo dos seres humanos que têm neurônios, neurotransmissores, hormônios e um ramal neuro elétrico de alta velocidade que os circuitos integrados de máquinas não conseguirão superar.

Mesmo que Hawking (2018) faça referência à Lei de Moore que afirma que a cada dezoito meses a velocidade dos computadores aumentam significantemente, que isto demonstraria a 'auto evolução da humanidade', uma vez que os computadores são desenhados e produzidos por humanos, tal possibilidade ainda é pequena e remota.

Crê, ainda, que em um determinado momento a Inteligência Artificial (IA) encontrará um meio de superar a inteligência humana e que a própria IA irá criar-se sem a ajuda do humano.

Sobre isso a Filosofia terá papel fundamental para estabelecer os limites da IA, a Filosofia da Mente e a Filosofia Computacional como a Ética terão que estar a postos sobre isso.

De acordo com Hawking (2018), já existem setores econômicos em que a IA já toma decisões, planeja, faz inferências, aprende a manipular máquinas usadas nas indústrias e na medicina como as usadas pela Neurociência. Contudo, vê duas questões quanto a IA: benefícios gerais no que diz respeito ao humano, mas também potenciais imprevistos se a IA deixar de ser controlada pelo homem. Por isso, declara, já existirem movimentos como do Parlamento Europeu para regular e controlar a criação de robôs e a própria IA.

Santos (2002) nomeia esta era de "Pós-Humana", para tanto, diz que o termo é um neologismo cunhado por Ihab Hassan, no ensaio *Prometeus as Performer: Toward a Posthumanist Culture*, publicado em 1977, na Georgia Rewiew.

Santos (2002) cita a ideia nietzschiana de "super-homem", que é aquele ser que, ultrapassando todos os valores, substituiria o último homem através da competição. Santos declara que nos anos de 1990, mediante o clima milenarista que levava a sociedade a imaginar ser o fim da História, alguns acadêmicos colocaram o foco neste termo, pós-humano, para demonstrar que os desenvolvimentos tecnocientificos, da microeletrônica, da cibercultura, da neurociência e da biotecnologia estavam exercendo um grande impacto sobre a sociedade. Afirma que o termo pós-humano ainda é um termo que não adquiriu densidade e nem credibilidade como ideia descritiva ou explicativa.

Para o autor o termo é uma aposta (SANTOS, 2002).

Santos (2002) também demonstra que o carbono (elemento básico da vida biológica) e o silício (elemento básico dos microchips) estão se combinando e promovendo uma revolução do *cybernetic organism*, ou ciborgues. Desta forma, ontologicamente, o ser pode vir-a-ser a mescla de 'carbono com silício' ou 'proteína com circuito integrado'. Ou seja, segundo Santos (2002), este é um jogo dialético,

no qual a Materialidade e a Informação estão dialogando cada vez mais e mais rápido.

A Era do Transumanismo não é mais uma questão de ficção cientifica, mas um fato dado.

Já para Teixeira (2010), devido a estagnação da evolução do homem, pelo grande distanciamento deste em relação à Natureza, o faz acoplar-se ao mundo através do virtual, provocando um novo tipo de evolução mediada por equipamentos e máquinas. Para Santos (2002), o corpo humano, pelo processo de envelhecimento, involui fisicamente, mas a Medicina, fazendo uso da Tecnologia, tem garantido métodos para que a longevidade se estenda. É quando surgem corações, rins, órgãos que são máquinas criadas para ajudar ou até mesmo substituir o tecido humano.

Teixeira (2010) declara que os implantes de *chips* e placas integradas, como os órgãos impressos em três dimensões (3D), podem ser chamados de "parabiose", onde, há uma associação do humano através de implantes não-orgânicos – tornando-se, enfim, máquinas hibridas.

De acordo com Teixeira (2010), num futuro próximo os ciborgues e os robôs estarão entre nós humanos de forma natural, superando o espanto dos dias atuais. Para o autor o mundo Pós-Evolutivo, na era virtual, terá sua própria 'Filosofia' que poderá ser formulada pela própria IA dos robôs e ciborgues.

Esta é a Era do Pós-Humano ou da Convergência Neurodigital (TEIXEIRA, 2010).

Teixeira (2010) demonstra que as máquinas podem nos tornar mais felizes, e que a parabiose não é a realização de uma utopia, mas uma evolução técnica e inovadora. Nesse sentido, continua, a própria 'filosofia' poderá se extinguir, uma vez que a Epistemologia Robótica poderá levá-la à "extinção" – como a extinção de uma espécie da Natureza –, no caso, a Filosofia da Ciência.

Como os ciborgues terão corpos híbridos, como se expressarão, como será determina sua identidade pessoal e como experimentarão as experiencias pessoais?

Ainda de acordo com Teixeira (2010), o corpo precisa ser concebido como uma entidade pré-linguística e não uma mera replicação da mente, da alma num chip ou num programa ou aplicativo, via programação como a behaviorista. No pós-humano, a Filosofia da Mente fica em destaque, e de qual maneira se manifestará neste momento: assim como um rim pode ser replicado por uma máquina de hemodiálise, no futuro, o cérebro também poderá ser replicado por algum dispositivo eletrônico.

Seguindo este raciocínio, Tadeu (2000) diz que a subjetividade humana hoje é uma construção em ruinas, desde que os "Mestres da Suspeita", a saber Marx (1818-1883), Freud (1856-1939), Nietzsche (1844-1900) e sem falar de Heidegger (1889-1976), iniciaram seus questionamentos. Desde então, a Filosofia ganhou outro contorno. O autor faz uma provocação, através de questões do tipo: "Queremos, ainda, ser sujeitos?" e "Quem precisa do sujeito?".

Nesse sentido, Tadeu (2000) apresenta algumas tecnologias ciborguianas: a) Restauradoras de funções, substituição de órgãos e membros perdidos; b) Normalizadoras, ou seja, retornam as criaturas à uma indiferente normalidade; c) Reconfiguradoras, criam criaturas pós-humanas que são iguais aos

seres humanos e ao mesmo tempo diferente deles; d) Melhoradoras, criam criaturas melhoradas, relativamente ao ser humano (TADEU, 2000).

Ou seja, segundo Tadeu (2000), se estabeleceu um paradoxo, de um lado se tem a mecanização e a eletrificação do humano, de outro, se tem a humanização e a subjetivação da máquina. É justamente da combinação desses processos que surge a criatura pós-humana que em breve circulará entre nós naturalmente.

Já para Costa (2005), tanto o dualismo cartesiano, quanto o monismo do behaviorismo não esclarecem a Filosofia da Mente. Desta forma, o "mistério da consciência" é o grande problema metafisico da Filosofia da Mente. Ainda de acordo com o autor (COSTA, 2005), o desenvolvimento da Filosofia sobre a Mente neste momento é a maior registrada nos últimos vinte séculos que a antecederam.

A obra *"Investigações Filosóficas"*, de Wittgenstein, do início do século 20, demonstra este desenvolvimento. Nesta obra, Wittgenstein, citando Nestroy (conhecido como Shakespeare austríaco), diz que "o progresso parece muito maior do que realmente é" (WITTGENSTEIN apud COSTA, 2005, p.7).

Esta revolução, referindo-se à Revolução da Filosofia da Mente, se deu como reflexo de outros desenvolvimentos que se iniciaram com a introdução de novas metodologias de análise filosófica e com o surgimento de novos domínios científicos, como a Neurofisiologia / Neurociência, a Psicologia Cognitiva e a Inteligência Artificial. E sem dúvida a Informática (COSTA, 2005).

Costa (2005) ainda aponta que, quando a neurociência for capaz de explicar como o cérebro funciona, quais são as áreas do material sensível ou da estrutura neurofuncional, tais como as sensações, percepções, estados quase-perceptuais, emoções, cognições e estados conativos (e como desta explicação se produz o "centro móvel da egoidade"), então a consciência se tornará uma mera propriedade física da matéria biológica. Neste dia – afirma Costa (2005) –, o mistério da consciência se desvanecerá como fumaça no ar.

Já Franco (2001) apresenta um novo termo, criado na década de 1980, a "Extropia", que tem um significado oposto ao da Entropia, esta é a perda constante de energia tendendo à falência ou à extinção. De acordo com Franco, a Extropia desafia a Entropia quando propõe um princípio de expansão sem limites da vida humana e da consciência. Uma parte deste princípio, explica o autor, é a "transbiomorfose", que é uma descarga, ou *upload,* da consciência humana em um chip de computador que possibilitará a perpetuação infinita da vida.

Como numa ligação sináptica entre os neurônios, eles são conectados por impulsos elétricos, num circuito integrado; assim, usando tais impulsos elétricos, se poderá copiar num chip de silício as informações neurosinápticas de um indivíduo. Essa seria a substituição completa do *hardware* de carne por um *hardware* biomecânico. Segundo Franco, os adeptos da filosofia extropiana são favoráveis a

toda tecnologia que preserve o avanço da longevidade, da consciência no chip, nos aparelhos digitais, do corpo, o que inclui os *corpsicles,* que são aqueles mantidos por criogenia na esperança de reanimação futura – que para o autor, são os chamados corpos pós-humanos [1].

Teixeira (2010) cita um artigo que Freud (1956-1937) escreveu em 1919, para seu amigo Ferenczi (1873-1933), intitulado de *O estranho*, no qual analisa o conto de Ernst T.A. Hoffman (1776-1822), *The Sandman* -O homem de areia, como uma questão Estética – que se entende não como uma simples teoria da beleza, mas da teoria das qualidades da sensação, de sentir, demonstra o estranhamento que a imagem do homem de areia, um ser inanimado que parecia animado provocava naqueles que o viam.

De acordo com Teixeira (2010), Freud ao analisar o conto de Ernst T. A. Hoffman, observou que as pessoas experimentavam uma sensação de estranheza que lhes gerava dúvidas diante do ser autômato, que este lhes provocava a sensação de um "duplo", ou seja, de projetar no homem de areia, que parecia vivo e que possuía uma alma, o seu próprio ego.

Mas, ao mesmo tempo, essa *imago* demonstrava aos espectadores que um dia se tornariam mineral como ele ou que seriam ultrapassados pelos 'homens de areia'. Este "duplo" demonstra a ferida narcísica ou frustração e impotência do ser humano em querer se perpetuar mesmo que seja numa massa de sílica, como a areia.

Claramente a questão da morte aparece neste conto do séc. XIX e atualizado hoje com as evidências das inovações do séc. XXI. Logo, de acordo com Teixeira (2010), o medo para não se tornar inorgânico, é um dos desejos humanos, alcançar a imortalidade, mesmo que seja num corpo pós-evoluído, num corpo pós-humano.

Por fim, Tonetti (2008) considera que os termos "alma", "mente", "consciência "e "espírito" ficam no bojo dos filósofos e religiosos, já os termos "cérebro" e "encéfalo" continuam tendo mais afiliados no campo da Ciência. Com este argumento, o autor demonstra que ainda há um dualismo, se não nos domínios do pensamento humano, há ao menos uma espécie de "dualismo" metodológico.

A Filosofia de Mente é a reflexão sobre a natureza, sobre suas propriedades essenciais, como também a análise das capacidades cognitivas do humano, assim como discutir suas propriedades, como o espírito, a alma e mais recentemente o cérebro se dão.

Diante da atual revolução biotecnológica, a revolução pós-humana vai mudar, alterar, implementar novas características neste cérebro-órgão, alterando a reflexão que tínhamos dele até pouco tempo atrás. Este órgão será submetido a estímulos que jamais experenciou.

Há alguns anos, antes dos exames de imagem, como a Ressonância Magnética e a Tomografia Computadorizada e de exames bioquímicos para entenderem as funções hormonais e dos

[1] FRANCO, E. S. O Manifesto da Arte Extropiana e a obra PRIMO 3M+: Proposta para um Corpo Pós-Humano. Ano 2001.**Compós: Associação Nacional do Programas de Pós-graduação em Comunicação.** Disponível: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_953.pdf>. Acesso em: 09 set. 2025.

ISSN: 2318-1494

neurotransmissores, o cérebro humano era estudado através de amostras doadas, ou seja, eram mortos. Mesmo assim se inferia vários modelos de funcionamento deles. Atualmente estas pesquisas por imagem trazem conhecimentos com a pessoa viva.

Estes pressupostos deram à Neurociência novos caminhos e ela está singrando por mares nunca dantes navegados. Daí surgiram a possibilidade de aperfeiçoamento deste órgão-aparelho que torna humano em um "eu". Some-se a isso a Tecnologia e a Engenharia Genética, que a partir do mapeamento do genoma humano, pode fazer qualquer reengenharia nos cromossomos, nos DNA's, como CRISPR – a edição genética, a clonagem e por fim "criar" o novo ser humano a partir de células tronco no laboratório. Chamo a isso de *evolução pós-humana*, absolutamente distinta da evolução darwiniana, que diante do avanço científico-tecnológico dos laboratórios, agora se parece mais com um mito ou uma fábula infantil.

Esta é uma era da Nova Revolução Iluminista, um Novo Iluminismo?

Mas a energia vital, aquela força inata que impulsiona o humano pelos caminhos do vida para perpetuar a espécie continua a se manifestar em cada ser concebido, seja de forma natural, *in-vitro*, por engenharia genética, por clonagem. A vida, independente da forma com a qual foi gerada, é indissociável do ser gerado, a "vontade de potência" de Nietzsche está ali e pode ser observada por que é um fenômeno e uma manifestação do espírito, da alma, da mente deste ser.

Afinal, o oposto de morte é nascimento e não vida. Inexiste oposto à vida.

Neste mundo pós-moderno, líquido, já existem humanos considerados ciborgues, como primeiro deles, Neil Harbisson, que desde 2004 recebeu esta condição em seu passaporte inglês. Vale aqui ressaltar que um ciborgue tem um "órgão de sentido" a mais e distinto dos humanos comuns, o próprio implante.

Atualmente já existem robôs fazendo atendimentos públicos em eventos corporativos, judiciários, comerciais, em shows, inclusive há os Emirados Árabes, um robô feminino com certidão de nascimento e documento de identidade.

A palavra robô vem do tcheco *robota,* que significa 'trabalho forçado' ou 'escravidão'. Este termo se popularizou depois que foi usado numa peça de teatro em 1920 cujo título é R.U.R.; Rossum's Universal Robots do escritor Karel Čapek (1890-1938) [2], cuja tradução livre é R.U.R.: Robôs Universais de Rossum, na peça eram protótipos humanoides que realizavam trabalhos pesados e não eram uma máquina de fibra de carbono como as de hoje.

Por isso, Ferrando (2023) diz que a presença do robô interfere na Cultura e no Imaginário atual e que as transformações tecnológicas e das fronteiras entre humano e máquina já fazem parte do imaginário Pós-Humano.

[2] ČAPEK, Karel. R.U.R.: Rossum's Universal Robots. Edição crítica. Londres: Penguin Classics, 2020.

No Pós-Humano a questão de espécie e gênero dos robôs também será um tema de reflexão da Filosofia. A questão da vontade de potência no sujeito pós-humano, nos ciborgues, nos robôs, na inteligência artificial é uma questão aberta. A aurora de um novo paradigma de humano está surgindo no horizonte do século XXI.

Quais serão as questões da Filosofia diante deste *thauma* contemporâneo?

3 ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO: DA GRÉCIA ANTIGA ATÉ OS NOSSOS DIAS

O ano de 2020 teve início com uma grave ameaça de saúde, uma infecção pulmonar de origem desconhecida que se manifestou em dezembro de 2019 num mercado na província de Wuhan na China que em pouco tempo se tornou a pandemia da COVID-19. Neste cenário, a humanidade mergulhou numa crise existencial, no medo, na insegurança, na ansiedade, na depressão, na expectativa de um imunizante. A existência humana foi ameaçada e o cuidado-de-si se tornou prioridade.

A questão da pandemia acelerou o uso maciço dos dispositivos conectados à internet de banda larga que conectou todas as pessoas que tinham acesso a uma rede Wi-Fi, uma tecnologia avançada e já disponível na época que amenizou a angústia do momento. Um verdadeiro mal-estar na civilização.

O mal-estar da civilização foi um momento ideal para a atuação dos filósofos para atuarem com o Aconselhamento Filosófico que com suas práticas deu sentido à existência e auxiliou muitos a se ajustarem e se amenizar o sofrimento existencial e emocional daquela ‘nova realidade’, do antigo ‘novo normal’. Aqueles que buscaram consolo na Filosofia, além de encontrá-la, passaram a filosofar por conta própria.

Sobre a atuação dos filósofos, a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. A descrição da atividade de graduados em Filosofia está no Código 2514-05:

> Refletem crítica e sistematicamente sobre o ser e o destino do homem e do mundo, por meio da assimilação dos clássicos do pensamento e da realização de pesquisas sobre temas filosóficos, tais como ética, epistemologia, estética, ontologia, metafisica, política, lógica, cultura entre outras, com a finalidade de *formar* e *orientar* pessoas e *assessorar* organizações. (CBO, 2002)

Portanto, graduados em Filosofia podem atuar em esferas como Orientação Filosófica, Aconselhamento Filosófico, Filosfia Clínica, Filosofia Terapêutica, Diálogo Filosófico, Coaching Filosófico, Mentoria Filosófica, Medicina da Alma, Análise Filosófica tanto no ambito Pessoal como Organizacional. Para este Ensaio Filosófico Teórico será usado o termo Aconselhamento Filosófico (AF).

3.1 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO "EU"

Da Grécia Antiga herdamos o conceito universal, psiquê, que é a concepção de uma consciência ou alma, como demonstra Abbagnano (2018). Segundo Abbagnano (2018) o conceito psiquê foi traduzido para o latim como alma e expressa o princípio da vida, da sensibilidade, das atividades espirituais que constituem uma entidade em sí.

Teles (1974) afirma que cada um deve ter sua própria filosofia de vida ou uma cosmovisão, a *weltanschauung*, do alemão *welt* = mundo e *anschauung* = *v*isão, que pode ser otimista, pessimista, conservadora, progressista, retrograda, avançada, motivadora ou inibidora, entre outras.

Para Teles (1974) ter uma filosofia de vida própria indica que cada qual atribua significados próprios às suas experiências pessoais. O mesmo autor esclarece que a fase mítica é uma explicação narrativa primitiva para explicar uma função existencial do homem para lhe dar sentido existencial, por analogia cada homem tem sua fase mitica que vai se especializando ao longo de sua vida ampliando ou não sua cosmovisão.

Na Grécia Antiga ocorreu o que se chama de milagre da racionalidade, como se segue:

> Dois motivos principais concorreram para levar o homem do pensar mítico ao racional: primeiro as contradições do pensamento mítico e, em segundo lugar, o fortalecimento natural da razão, que passou a se exercer em termos mais críticos. (TELES, 1974, p. 19).

Do surgimento da razão em termos mais críticos e sobre a vida cotidiana, Chauí (1999) esclarece que o homem faz perguntas, faz afirmações, avalia coisas, pessoas e a sí mesmo. Segundo Chauí (1999) estas perguntas e afirmações, silenciosamente, contém *crenças não-questionadas*, desta forma conceitos como verdade, pensamento, procedimentos, relações entre teoria e prática e acúmulo de saberes são questões filosóficas.

Abbagnano (2018) acrescenta que o pronome "eu" é a forma com a qual o homem se designa e que este pronome se tornou o objeto da investigação filosófica.

Para a investigação filosófica, Franca (1987) argumenta que se deve seguir o pensamento humano nas diferentes fases do seu Conhecimento, nas diversas eras ou épocas e inventariando os esforços e tentativas da inteligência, das questões do universo e da visão de homem ao longo da Filosofia, da Grécia Antiga até aos nossos dias.

Por isso, o Aconselhamento Filosófico pode contribuir com o consulente para que este deixe sua fase de mito ou crenças não questionadas e alcance sua fase racional, de conhecer-se ou refletir sobre sí.

3.2 A CURA PELA PALAVRA RACIONAL

Smolka (1972) diz que na tradição cultural e religiosa da Grécia Antiga havia a peregrinação ao Oráculo de Delfos. Souza (1992) esclarece que no oráculo um consulente recebe uma mensagem

ou resposta divina a uma consulta, por extensão, se refere a um santuário no qual se faz sacrifícios e perguntas aos deuses por intermédio de um sacerdote, que também é responsável para trazer a resposta ao consulente solicitante. Souza (1992) também esclarece que o vocábulo oráculo conserva sua dupla acepção de "meio ou instrumento para falar" com um deus e "resposta oral breve" deste deus através do sacerdote.

Por analogia, o oráculo é o espaço de onde ocorre o Aconselhamento, o consulente é aquele que quer ou precisa se conhecer e o sacerdote é o filósofo.

Fossatti (2003) acrescenta que neste período, o sec. VI aC, era comum qualquer cidadão grego ou estrangeiro ir se aconselhar no Templo de Apolo em Delfos, onde está grafado a inscrição em grego, *Conhece-te a ti mesmo.* Fossatti (2003) explica que tal inscrição era uma advertência aos consulentes do oráculo, pois este tinha como objetivo a purificação da alma através do conhecimento especulativo do indivíduo sobre sí mesmo.

Contudo, Smolka (1972) diz que esta atitude era mística.

Teles (1974) demonstra que foi o filósofo pré-socrático, do séc. V aC, Empédocles de Agrigento (494-430 aC), o primeiro a considerar dois princípios abstratos humano, além da razão. Estes princípios são *amor* e *luta,* ambos seriam responsáveis pela união ou desagregação dos elementos primordiais: terra, ar, água e fogo.

Segundo Teles (1974), Empédocles de Agrigento concebia que todas as substâncias compostas são pouco duradoras, como a matéria e, que somente os quatro elementos primordiais e os dois princípios são eternos por serem justamente simples.

Forghiere (2007) acrescenta que foi Empédocles de Agrigento o primeiro filósofo a utilizar as palavras ou o aconselhamento como tratamento para os males da alma, este foi o primeiro a tratar das questões abstratas humanas, não considerando-as como elemento meramente físico.

Franca (1987) também admite que Empédocles da Agrigento concebia a alma como composta pelos quatro elementos e pelos dois princípios, isto explicaria a possibilidade do humano buscar conhecimento, visto que a alma, através da cognição, do aprendizado pelos dos órgãos de sentido e pela experiência, pode copiar a natureza e apreendê-la para sí.

Ghiraldelli Jr (2012) diz que na fase de Sócrates (470-399 aC.), ele praticava a maiêutica, ou seja, o dar à luz às ideias, levando as pessoas a pensarem de sí e sobre sí, a fazer um exame de suas vidas.

Ao que Ghiraldelli Jr (2012) nomeia de "a medicina da alma", diz que Platão (428-348 aC.) considerava que a alma era melhorada através do amor, *eros,* portanto erótico. Segundo Ghiraldelli Jr (2012), Aristóteles (394-322 aC.) ao falar da 'boa cidade', da pólis, trazia em seu contexto o conceito de "qualidade de vida".

Somente com o filósofo helênico Epicuro (341-279 aC.) que a 'medicina da alma' se tornou algo próximo à medicina, ou seja, tratar através de uma terapia da psiquê, com o tetrafarmaco, declara Ghiraldelli Jr (2012).

Para Chauí (1999), no período helênico, os filósofos estóicos só consideravam o corpo, mesmo a alma era só corporal, eles eram monistas, cuja relação com o 'objeto real' precisava da lógica para apreender seu sentido e significado.

Na fase da Filosofia Moderna, Blaise Pascal (1623-1662 dC.) em sua obra póstuma *Pensamentos* de 1670 considera, em pleno movimento racionalista, que a razão deveria se apoiar nos 'conhecimentos' do coração e nos 'instintos' como segue, *o coração (intuição) tem razões que a própria razão desconhece*.

Para Ghiraldelli Jr (2012), Rousseau (1712-1778 dC.) já chamava a alienação como a 'doença da alma', bem antes de Karl Marx (1818-1883 dC.) e que para Foucault (1926-1984 dC.) a alma aprisiona o corpo por condicionamento social.

Ghiraldelli Jr (2012) afirma que a Filosofia nasceu como a "medicina da alma".

> Quem está com a alma doente? Há uma medicina especial para quem está com a alma doente? [...] A medicina da alma nasceu como Filosofia. Há quem até chegue a dizer que a Filosofia é que nasceu, verdadeiramente, já como medicina da alma. (GHIRALDELLI JR, 2012, pg. ix).

3.3 ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA PARA ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO

Tieppo (2019) demonstra que a Neurociência teve início na Grécia pré-socrática quando duas correntes de pensamento vigoravam, uma das correntes filosóficas dizia que a alma se localizava no coração, a outra, porém, dizia que a alma se localizava no cérebro, os encefalocentristas, cujo expoente foi Hipócrates de Cós (460-370 aC.), que mais tarde foi seguido por Platão.

Tieppo (2019) demonstra também que foi Renè Descartes (1596-1650 dC.) que abriu caminho para o estudo sistemático do órgão cérebro, quando afirmou as diferenças entre as substâncias, a *res cogitans* (mente) e a *res extensa* (corpo), o corpo que pensa. Porém, os cérebros eram de mortos. Tieppo (2019) esclarece que somente no final da década de 1980, com o início das neuroimagens, houve uma revolução para a compreensão das funções cerebrais *in vivo.* Por isso, a década de 1990 é denominada da "Década do Cérebro".

Então, atualmente, dado o grau de conhecimento dos processos cerebrais, a Neurociência vai além de estudos de patologias cerebrais e se debruça na investigação da mente, da consciência, do inconsciente, das emoções e do comportamento humano, mapeando-se o cérebro, declara Tieppo (2019).

Para Tieppo (2019) a Neurociência nega a existência da mente como imaterial e reconhece que os processos mentais são resultantes do nosso Sistema Nervoso Central (SNC), portanto, são resultados dos impulsos elétricos nos neurônios e, assim, é monista.

A partir da Neurociência, Goleman (2012) afirma que a Inteligência Emocional é um modelo poderoso para a educação na forma de aprendizado emocional, social, profissional, eu diria que também filosófico, sendo agente ativo numa vida plena e que se aproveitou da "Década do Cérebro" para criar este conceito novo, a Inteligência Emocional. Goleman (2012) estruturou um novo Campo de Conhecimento: a Neurociência Afetiva.

Goleman (2012) diz que, em suas pesquisas, fez descobertas de certas áreas ou regiões do cérebro envolvidas na autoconsciência que nos ajudam com questões de ética e na tomada de decisões, o Neocórtex, o Cérebro Pensante. Goleman (2012) diz que o autodomínio requer autoconsciência e autorregulação, estes são componentes fundamentais da Inteligência Emocional.

A ativação do Córtex Pré-Frontal é essencial para a autorregulação e é considerado por Goleman (2012) como o "bom patrão" do cérebro, pois nos orienta para o melhor de nós. As *amigdalas* cerebrais, tanto do lado direito como do lado esquerdo, são o radar do cérebro para as ameaças, é o ponto no qual se dispara a angústia, a raiva, a impulsividade, o medo e que quando este circuito "assume" o comando passa a atuar como o "mau patrão", levando o humano a tomar atitudes equivocadas.

Quando o Córtex Pré-Frontal é dominado pelas amigdalas cerebrais, ocorre o que Goleman (2012) nomeia de "sequestro das amigdalas".

> A amigdala é o radar do cérebro para ameaças. Nosso cérebro foi projetado como uma ferramenta de sobrevivência. Na planta do cérebro a amigdala detém uma posição privilegiada. Se ela detecta uma ameaça, num instante consegue dominar o resto do cérebro-particularmente o córtex pré-frontal e temos o que é chamado de sequestro da amigdala. O sequestro captura nossa atenção, projetando-a sobre a ameaça em curso. (GOLEMAN, 2012, pg. 39).

Para que não ocorra este sequestro das amigdalas cerebrais, a pessoa deve estar atenta e alerta sobre o possível sequestro e, através da ativação do Córtex Pré-Frontal, não perder o equilíbrio, diz Goleman (2012). Ao se conhecer e aprender a refletir sobre sí usando as ferramentas da Filosofia, equivale a ter predomínio do Córtex Pré-frontal.

É uma escolha consciente, portanto, ensinável, manter o predomínio do pré-frontal e, assim, inibir a ação de "pavio curto" das amigdalas, diz Goleman (2012). Para manter o controle do pré-frontal, Goleman (2012) sugere algumas "escolhas" eficientes, tais como, atenção plena (*mindfulness*), motivação, autoconsciência, empatia, visão da mente (*mindsight*), desempenho ótimo, ou seja, a utilização máxima do cérebro, com a aprendizagem emocional.

Sobre a convergência entre Filosofia e Neurociência, a *Neurofilosofia*, Fischer e Facion (2011) propõe uma questão, "uma nova imagem de pessoa?", abrindo-se assim um debate sobre o novo "eu", sobre o determinismo cerebral, sobre a constituição do livre-arbítrio, sobre a neuroética, sem dúvida, um campo da Antropologia Filosófica.

3.4 A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO ATUAL

Foi em 1981 que o filósofo alemão Gerd Achembach propôs o Aconselhamento Filosófico como prática de uma Filosofia que não era Acadêmica, não restrita aos debates intelectuais, mas que alcançava as pessoas comuns, com suas necessidades existenciais, esclarece Pechula (2007).

Nardi (2017) ao apresentar o método do Aconselhamento Filosófico cita Immanuel Kant (1724-1804 dC.) que recomendava que se ensinasse a filosofar e não a ensinar sobre a Filosofia, desta forma se aproxima do método socrático, de conduzir os aconselhados a darem à luz suas próprias ideias.

Por isso, Pechula (2007) acrescenta que o Aconselhamento Filosófico atual volta-se à sua verdadeira origem na Grécia Antiga, onde se tinha o "filósofo terapeuta", o "médico da alma" ou o "conselheiro filosófico", esta corrente encontrou repercussão com Marc Sautet na França, com Lou Marinoff nos Estados Unidos, com Lúcio Packter e o Grupo de Pesquisa em Filosofia Aplicada (GPFA) do Claretiano/CNPq no Brasil.

Achembach (2006), além de ser pioneiro do movimento da Filosofia Prática atual, explica que a Orientação Filosófica é uma f*ilosofia voltada para a vida* e que, atualmente, é uma alternativa às psicoterapias, uma vez que ela é para pessoas que não se sentem mal o suficiente para se consultarem com psicoterapeutas, mas que é para aqueles que têm a impressão de que sua vida real não corresponde às suas expectativas existenciais e que querem refletir sobre suas circunstâncias vitais, que querem e desejam entender e serem entendidas.

Oliveira (2014) diz que Ran Lahav ilustrou, a partir da Alegoria da Caverna de Platão, que o objetivo da Filosófica Prática é dar condições racionais e emocionais para o praticante sair de sua caverna e ver a "luz".

> Ran Lahav mostra através da alegoria da caverna de Platão que o objetivo da prática filosófica não será o de "tornar a vida na caverna mais confortável", mas "sair da caverna". Porém, temos de entender a "nossa caverna" para "sair dela". Este é o processo que a prática filosófica deve operar: "mapear a caverna". É necessário, segundo Lahav, entender a nossa caverna: o "perímetro" emocional e racional de atuação na vida. (OLIVEIRA, 2014, ed. Maio/2014).

Menezes (2011) demonstra que o Aconselhamento Filosófico, no sentido de uma aplicação especificamente filosófica, está disponível à ajuda, à orientação do indivíduo em sua relação pessoal consigo mesmo.

Para Marinoff (2012) as pessoas sempre souberam que a Filosofia servia para alguma coisa, mas não conseguiam explicar exatamente para quê. Todo mundo tem uma filosofia de vida, mas poucos têm a possibilidade de analisar sua própria vida e até mesmo formar uma filosofia sua ao longo dela, pondera Marinoff (2012).

A prática filosófica do Aconselhamento Filosófico, pode ser realizada em dois formatos, Marinoff (2012) esclarece que no primeiro é de forma Individual como no aconselhamento propriamente dito e no segundo é de forma Grupal como nos Diálogos Socráticos, nos Cafés Filosóficos e nas Organizações.

Marinoff (2012) também esclarece que análise filosófica significa dividir o conceito em suas partes, o mais simples possível, a fim de revelar a estrutura lógica contida nestes fragmentos.

Sobre Liberdade, Abbagnano (2018) afirma que "Epicteto dizia que eram *livres* as coisas que estão em *nosso poder*, ou seja, os atos do homem que têm princípio no próprio homem". Em outras palavras, "conhecer a sí mesmo" está na esfera de seu poder e tem princípio em sí mesmo. Por inferência, eu afirmo que a *"Liberdade é emancipadora do homem por natureza"* (Sérgio Máscoli, 2026).

Sobre Lógica, Abbagnano (2018) demonstra que ela é um conjunto de enunciados coerentes, onde cada parte ou fragmento do enunciado analisado é verdadeiro e, que quando uma parte do enunciado é falsa, então, se tem uma falácia, onde todo argumento é falso. Para Nardi (2017) o uso da razão para intervir nos problemas que uma pessoa enfrenta é necessário que esta adote uma *filosofia racionalista* e abandone suas próprias crenças irracionais, sem razão lógica ou seus mitos com apoio do conselheiro filosófico.

O Aconselhamento Filosófico, apesar de parecer, não é uma prática recente. A Filosofia nasceu *conselheira,* cujo ponto de partida é o *thauma,* o espanto e a admiração, não só sobre a *physis,* a natureza, mas também sobre o ser humano, sua estadia e sua vida no mundo ao longo do tempo.

> O homem, do mesmo modo, pode mudar suas impressões e suas ideias, permanecendo o mesmo eu. [...] a unidade não é absoluta nem rigorosa: é formal e aproximativa, fundada na constância relativa de certas relações entre as partes ou momentos do eu. (ABBAGNANO, 2018, pg. 454).

A Filosofia formula questões, portanto, é ouvinte das respostas que recebe e assim, através do diálogo surge a reflexão, o conhecimento sempre aberto para o humano como para a própria Filosofia. Afinal, a Filosofia vislumbra a eterna novidade deste mundo.

A *pólis* representava o ápice da civilização grega e por uma *pólis* se pode compreender o coletivo de humanos: homens, mulheres, crianças, escravos ou estrangeiros, mesmo que só os homens nascidos em Atenas eram reconhecidos como cidadãos livres.

Contudo, todos queriam conhecer seu destino e qual o percurso que lhes estava reservado. E numa busca de conhecer a finalidade de sua existência surgiram os oráculos, onde se consultavam deuses através de um sacerdote, que não deixava de ser um "filósofo", que trazia ao consulente respostas às suas questões.

Com o passar do tempo, o oráculo se transformou na Ágora, esta se transformou no Confessionário, este se transformou em Cátedra e esta se transformou em Rádio e TV, esta ganhou câmera e microfone pessoais e, por fim, estes se transformaram na Rede Mundial de Computadores, a Internet.

Tudo graças aos avanços da Tecnologia e Inovação, de rudimentar e mística no princípio e, agora, altamente especializada, na qual a figura do filósofo e seus conselhos racionais se tornam cada vez mais imprescindíveis para prevenção de danos e para contingência lógica de exageros pessoais, institucionais, empresariais e organizacionais.

Tecnologia esta que fez com que a Neurociência esclarecesse que o controle, racionalmente escolhido, das *amigdalas* cerebrais pela ativação do Córtex Pré-Frontal, equivalem às práticas sapienciais estóicas racionais, onde o atributo de uma grande alma ou razão é ter calma, tranquilidade, controle do estresse e olhar com altivez as dificuldades impostas ao humano, a resiliência.

Em um momento em que a humanidade esteve diante de sua própria fragilidade e finitude, do devir, enfim, das questões existenciais, se tornou necessário a atuação do Aconselhamento Filosófico e agora esta prática está se tornando cada vez mais popular.

Portanto, a prática filosófica do Aconselhamento Filosófico, um Campo de Conhecimento, representa ao longo de sua jornada um convite ao ser humano a se examinar, a conhecer sua subjetividade, a se reconhecer, a buscar sua *eudaimonia,* seu o *espírito bom,* em outras palavras, a sua felicidade que é "caminhar para a sabedoria", "ser amigo e amante da sabedoria", só assim sua existência terá valido a pena ser vivida neste mundo globalizado e interconectado.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia.* 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

ACHEMBACH, G. *Breve Respuesta à pregunta: 'que és la prática filosófica?'* Revista Eletrónica de la Asociación Andaluza de Filosofia, pg. 1-7, n. 5, 2006. Disponível em https://archive.org/details/achenbachg.breverespuestaalapreguntaqueeslaorientacionfilosofica. Acesso em 21 ago. 2025.

ALEGORIA DA CAVERNA. Disponível em: alegoria-da-caverna.pdf. Acesso 21 março 2026.

BARBOSA, O. L.; SPECIMILLE, P. *A internet nunca esquece.* Revista Economia Ufes. Vol. 2. Dezembro, 2020. Disponível em: A Internet nunca esquece | Revista Pet Economia *UFES*. Acesso em 05 nov. 2025.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 11ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CID-10, *Classificação Estatística Internacional de Problemas Relacionados à Saúde.* Vol. 1. 1 ed. Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993). São Paulo: Edusp, 2000.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA de OCUPAÇÕES (CBO). Disponível em: CBO - Descrição - 6.1.1. Pesquisado em 21 março 2026.

COSTA, C. *Filosofia da Mente.* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERRANDO, F. *Posthumanism: Philosophical and Cultural Developments*. Nova York: Bloomsbury, 2023.

FERREIRA, A. V.; RIOS, J.R.A.C. *Filtro Bolha, Câmara de Eco e a Formação de Opiniões Extremas*. Intercon – Soc. Bras. De Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XL Congresso Brasileiro da Ciencia da Comunicação. Curitiba. 04 a 09 set. 2017. Disponível em: Titulo do trabalho (ufc.br). Acesso em 05 nov. 2025.

FISCHER & FACION. *Uma nova imagem de Pessoa? Neurociência e Filosofia: possibilidades e limites.* Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo, pg. 288-303, 2011. Disponível em http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/209/228. Acesso em 20 ago. 2025.

FORGHIERI, Y C. *Origens do Aconselhamento.* Revista de Abordagem Gestáltica, v. 13, n.1, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100009. Acesso em 12 ago. 2025.

FOSSATTI, N.C. *do oráculo de Delfos ao Ciberespaço – A comunicação virtual.* X Congresso Internacional de Educação a Distância, PUCRS, 2003. Disponível em http://www.abed.org.br/congresso2003/docs/anais/TC60.pdf. Acesso em 03 março 2026.

FRANCA, Pe. L. N*oções de História da Filosofia.* 23ed. Rio de janeiro: Editora Agir, 1987.

FRANCO, E. S. O Manifesto da Arte Extropiana e a obra PRIMO 3M+: Proposta para um Corpo Pós-Humano. *Compós: Associação Nacional do Programas de Pós-graduação em Comunicação***.** Disponível: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_953.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2026.

FUNDAÇÃO CYBORG. Disponível em: <https://www.cyborgfoundation.com/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *A Filosofia como Medicina da Alma.* 1ed. Tamboré: Editora Manole, 2012.

GOLEMAN, D. *O Cérebro e a Inteligência Emocional, novas perspectivas.* 1ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

GUASCO, L. *A lenda de Narciso.* 3ª reimpressão. São Paulo: Scipione, 2011.

HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Orgs.*). Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano.* 2 ed. Belo Horizonte, 2000.

HASSAN, I. *Toward a Concept of Postmodernism.* 1987. Disponível: <http://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/HassanPoMo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2019.

HAWKING, S. *Breves Respostas para Grandes Questões.* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LAPA, A.B.; LACERDA, A.L.; COELHO, I.C. *A cultura digital como espaço de possibilidade para a formação de sujeitos.* Inclusão Social, v.10, n.1, 2016. Disponível em A cultura digital como espaço de possibilidade para a formação de sujeitos (brapci.inf.br). Acesso 13 out. 2025.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da Psicanálise.* 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOSS, A; GUERRA, V; SOUZA, M.L. *Associação entre o uso da internet, autoconsciência ruminativa e diferenças de gênero em universitários.* Avances em psicologia latino-americana, n.39, pg 33-46; jan-abr de 2021. Disponível em: Asociación entre el uso de Internet, la autoconciencia rumiativa y las diferencias de género en estudiantes universitarios | Avances en Psicología Latinoamericana (urosario.edu.co). Acesso: 13 out. 2025.

MARINOFF, L. *Mais Platão e menos Prozac, a Filosofia Aplicada ao Cotidiano.* 17ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

MEERLOO, J.M. T*he Rape of the mind – Psychology of Thought Control, Menticide and Brainwashing.* Reimpressão da edição de 1961. EUA: Progressive Press, 2009.

MENEZES, F. *A ideia do 'Aconselhamento Filosófico'. Uma introdução do tema.* Revista Filosófica de Coimbra, n.39, pg. 101-140, 2011. Disponível em https://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_geral_do_aconselhamento_filosofico. Acesso em 23 ago. 2025.

MORACA, R. J. *Filosofia da Mente.* Batatais: Claretiano, 2013.

MORAES, J. A.; TESTA, R.R. *A Sociedade Contemporânea à luz da Ética Informacional.* Acta Scientiarum – Human and Social Sciences, v. 42, pg. 2 a 14. 2020. Disponível em: A sociedade contemporânea à luz da ética - ProQuest. Acesso em 11 jan. 2026.

NARDI, E R. *Fundamentos Metodológicos do Aconselhamento Filosófico.* Revista Educação, v.7, n.1, pg. 9-40, 2017. Disponível em: https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=/upload. Acesso em 22 ago. 2025.

NUNES, A.L. *O comportamento do uso da internet e sua relação com estilos de autoconsciência em universitários: contribuições do mindfulness e da Gestalt-terapia.* 2019. 131 pg. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitoria, 2019. Disponível em tese_10284_TESE PPGP ANDREA LOSS NUNES FEVEREIRO 2019.pdf (ufes.br). Acesso em 14 out. 2025.

OLIVEIRA, R. *A teoria de Ran Lahav para o Aconselhamento Filosófico.* Website Gabinete Project. Edição de 06 Maio de 2014. Lisboa, 2014. Disponível em https://gabinete-project.blogspot.com/2014/05/a-teoria-de-ran-lahav-para-o.html. Acesso em 10.nov.2025.

PASCAL, B. *Pensamentos (1670).* Disponível em https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/pascal.html. Acesso em 24 ago. 2025.

PECHULA, M A. *A Filosofia e seus usos: critica e acomodação.* 2007. 196 pg. Tese (Doutorado em Educação) _ Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em file:///C:/Users/Dell/Documents/Aconselhamento_Filos%C3%B3fico_P%C3%B3s/Metodologia_Cientifica/Fichamentos/Filosofia%20Clinica_Pechula.pdf. Acesso em 21 ago. 2025.

ROSA, L. A. *Senso Comum: possibilidades para a construção de uma Psicologia Política.* Ver. Psicologia política, v.13, n 28, P, dez 2013. Disponível em: Senso comum: possibilidades para a construção de uma psicologia política (bvsalud.org). Acesso em 15 nov. 2025.

SANTOS, J. F. *Breve, o Pós-humano.* 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

SMOLKA, N. C. C. *O Papel do oráculo na vida grega.* Revista Língua e Literatura dos Deptos. de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Ano 1, pg. 163. São Paulo, 1972. Disponível em http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/issue/view/8691/675. Acesso em 03 out. 2025.

SOUZA, F. A. *Novo Dicionário Latino-português.* Porto: Lello & Irmão, 1992.

TADEU & HARAWAY & KUNZRU. *Antropologia do Ciborgue - as vertigens do pós-humano.* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica 2000.

TEIXEIRA, J. F. *A mente pós-evolutiva: A filosofia da mente no universo do silício.* Petrópolis, 2010.

TELES, Antonio Xavier. *Introdução ao Estudo de Filosofia.* 12ed. São Paulo: Editora Ática, 1974.

TIEPPO, C. *Uma viagem pelo* cérebro*, a via rápida para entender a Neurociência.* 1ed. São Paulo: Editora Conectomus, 2019.

TONETTI, F. A. *A especificidade da Ciência da Atenção: da Filosofia da Mente à Neurociência Cognitiva.* 2008. 147 pag. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008. Disponível em: Acesso em 14 fev. 2025.

TORRES, L. S. A. *Desafios extremos da internet e contágio psíquico: sintomas da Cultura do espetáculo.* RECCIS, 15 (2): 397-410, abr-jun. 2012. Disponível em Desafios extremos da internet e contágio psíquico: sintomas da cultura do espetáculo (bvsalud.org). Acesso em 14 out. 2025.

VÉLIZ, C. *Imortalidade na internet: os limites éticos da 'vida eterna' no mundo digital/Futurando (13/10/21) _ YouTube.* Tempo: 5'51''. Entrevista no Programa Futurando da DW-Brasil. Disponível em Imortalidade na internet: os limites éticos da "vida eterna" no mundo digital | Futurando (13/10/21) - YouTube. Acesso: 09 março 2026.

YOUTUBE. *Propaganda de um Robô.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D57NTsAfhCY>. Acesso em: 19 mar. 2026.